

Apresentação do dossiê

*Márcio Danelon**

Este V. 22, nº 44 da Revista Educação e Filosofia contempla o tema do ensino de filosofia através da publicação do dossiê temático Ensino de Filosofia, composto de 6 artigos produzidos por pesquisadores que tem neste tema seu objeto de reflexão. Trata-se da primeira experiência da Revista Educação e Filosofia na produção de dossiê temático. Esta experiência e a oportunidade dada pelo Conselho Editorial deve ser valorizada e reafirmada, pois, se de um lado a publicação do dossiê proporciona à revista densidade e homogeneidade temática na medida em que concentra artigos de um mesmo assunto, a publicação de dossiê também se constitui num instrumento valioso de divulgação e de consulta a resultados de pesquisas bastante atuais e relevantes, de forma que o pesquisador encontrará no dossiê material bastante adensado e profícuo para suas pesquisas.

O ensino de filosofia tem se constituído numa área de pesquisa bastante frutífera para os filósofos que se dedicam ao tema. A produção de conhecimentos vem se adensando e se cristalizando com bastante consistência neste início de século. Uma série de eventos é, periodicamente, organizada para se discutir o ensino de filosofia, entre eles, destaca-se os fóruns regionais sobre o ensino de filosofia: **Fórum Centro-Oeste de Ensino de Filosofia** já organizado em quatro edições (UNB, 2001, Universidade Católica de Goiás, 2002, UNB, 2003 e UFG, 2004); o **Fórum Sul de Ensino de Filosofia** em oito edições (Universidade de Passo Fundo, 2001; Unijuí, 2002; PUC/PR, 2003; Unisinos, 2004; Centro Universitário Franciscano - UNIFRA, 2005; UEL, 2006; PUC/RS, 2007;

* Doutor em Educação pela UNICAMP e professor de Filosofia da Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia.

Universidade de Caxias do Sul, 2008); **Fórum Sudeste de Ensino de Filosofia** em duas edições (Unimep, 2002; UERJ, 2004); **Fórum Norte de Educação** (UFPA, 2004). Deve-se registrar a realização do Congresso Brasileiro de Professores de Filosofia na Unimep em 2000, evento bastante significativo que agregou pessoas de diversas regiões do Brasil e do exterior (França, Itália, Argentina e Uruguai) que tinham no ensino de filosofia sua preocupação acadêmica. Além desses encontros regionais e nacional, deve-se registrar a promoção de diversos encontros estaduais para discussão, produção e socialização do saber sobre o ensino de filosofia, como, por exemplo, Rio de Janeiro, Espírito Santo, entre outros.

Essa trajetória da consolidação da pesquisa em torno do ensino de filosofia no Brasil está se acentuando ainda mais com o reconhecimento da ANPOF (Associação Nacional de Pós-graduação em Filosofia) de que o ensino de filosofia se constitui numa área importante para o pensamento filosófico. Esse reconhecimento se materializou em 2005 com a criação do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar no interior da ANPOF. A primeira reunião do GT ocorreu em 2006, durante o XII Encontro Nacional da ANPOF em Salvador, Bahia. Neste encontro foram apresentados 16 trabalhos de pesquisadores da temática do ensino de filosofia de diversas regiões do Brasil, além da presença do prof. dr. Patrice Vermeren (Paris VIII), que apresentou o trabalho encomendado *A Filosofia e a igualdade*. A inserção da temática do ensino de filosofia na ANPOF, além de proporcionar outro espaço regular de encontro e socialização de pesquisa além dos fóruns regionais, sinaliza para o comprometimento dos Programas de Pós-Graduação em Filosofia com a temática do ensino de filosofia. Nesse caso, ainda no âmbito da pós-graduação, o cenário que se apresenta sobre a temática do ensino de filosofia se configura como um problema tratado de forma filosófica a partir, e com os conceitos da filosofia, porém, a moradia que o ensino de filosofia encontra é, a grosso modo, nos Programas de Pós-Graduação em Educação, dentro da linha ou área de concentração em Filosofia da Educação. Assim, com algumas exceções, são os filósofos que elegeram a educação seu tema privilegiado de pesquisa, que têm enfrentado o problema do

ensino de filosofia a partir da filosofia. O GT Filosofar e Ensinar a Filosofar, acreditamos, irá desempenhar um papel aglutinador dos pesquisadores sobre ensino de filosofia que se encontram nos Programas de Pós-graduação em Filosofia e em Educação, num exercício filosófico de transcendência e ultrapassamento das fronteiras acadêmicas rumo a uma produção transversal sobre o ensino de filosofia.

Historicamente, o problema da Didática e da Metodologia de ensino foi tratado no interior dos cursos de Pedagogias e das Faculdades ou Institutos de Educação. Nos cursos de graduação em Filosofia é fortemente encontrada a separação entre o bacharelado e a licenciatura. Nesse modelo, a unidade acadêmica em que o curso de Filosofia está alocado (Departamento/Faculdade/Instituto de Filosofia) cuida da formação do bacharel em Filosofia, ou seja, nessa unidade dar-se-ia a formação filosófica do graduando, com as disciplinas específicas. A licenciatura em Filosofia, com suas respectivas disciplinas de formação pedagógica – estágio, didática, metodologia, etc – se aloca nas Faculdades ou Institutos de Educação, unidade acadêmica onde se situa o curso de Pedagogia. Assim, historicamente, e ainda hoje encontramos esse modelo com certa frequência, a formação do professor de filosofia e as disciplinas necessárias não se dá pelas mãos da filosofia, mas pelo olhar da Pedagogia. Nesse caso, tomado como um problema de menor importância pelos cursos de Filosofia, se comparado com a metafísica, por exemplo, o ensino de filosofia foi tomado como um objeto pela Pedagogia que cuidou, até então, da formação do professor de filosofia.

Os diversos eventos e as inúmeras produções acadêmicas sobre o ensino de filosofia estão sinalizando para uma mudança de eixo no entendimento do problema do ensino de filosofia. Afirma-se, de forma incisiva, a necessidade de um olhar filosófico para o ensino de filosofia, ou seja, que o ensino de filosofia se constitui num problema filosófico, tratado de forma filosófica e tendo, isto é fundamental, a história da filosofia como instância dialógica para o enfrentamento desse problema. Defendemos, assim, que a filosofia tome para si e enfrente o problema da formação dos professores

de filosofia, enfrente o problema da didática e da metodologia do ensino de filosofia, enfrente, enfim, o problema do estágio em filosofia, pois estas são experiências educativas necessárias para a formação do professor de filosofia, da qual a filosofia não pode se eximir. Acreditamos e defendemos que a filosofia tem algo a dizer na formação de seus professores, de que é possível um olhar filosófico e de que a História da Filosofia tem reflexões filosóficas profícuas sobre a formação do professor de filosofia.

Embora envolva discussões que versam sobre especificidades da educação, por exemplo, metodologias para o ensino de filosofia, didática teórica e prática, o ensino de filosofia requer reflexão a partir da filosofia e com a filosofia. Isso significa desconstruir a compartimentalização do saber com a qual, em nosso contexto positivista, estamos habituados. Assim, didática, metodologia e estágio supervisionado não devem se constituir em assunto específico da ciência da educação. Também os filósofos devem sair de seu “olhar distante” e devem se debruçar sobre tais questões, o que acarreta a produção de uma relação rizomática entre os saberes. Nesse contexto, muitos cursos de graduação em Filosofia trouxeram para si a formação do licenciado em filosofia, no sentido de são os professores do próprio curso com formação em filosofia que tomaram as disciplinas como didática e metodologia do ensino de filosofia além do estágio supervisionado em filosofia como disciplinas que devem ter um tratamento filosófico. Na Pós-graduação, o fato de a ANPOF criar o GT Filosofar e Ensinar a Filosofar sinaliza de forma positiva a necessidade dos Programas de Pós-graduação em Filosofia tomarem o tema do ensino de filosofia como um objeto filosófico para uma investigação filosófica. Assim como defendemos a necessidade dos cursos de graduação em Filosofia tomar para si a formação dos professores de filosofia, defendemos que os Programas de Pós-graduação em Filosofia tomem o tema do ensino de filosofia como um problema filosófico, um problema que encontra na história da filosofia interlocutores clássicos que produziram reflexões bastante profícuas sobre esse tema.

Dessa forma, pensar o ensino de filosofia como um problema

filosófico, promove a potencialização deste tema/problema como algo profícuo para nossas reflexões. Nesse cenário, o ensino de filosofia é uma atividade sempre aberta, em contínua construção, dinâmica e em movimento, reflexos da polissemia e da pluralidade de filosofias, além da singularidade com que se olha para o saber filosófico, promovendo a eterna tarefa de montar quebra-cabeça, (re)inventando diferentes abordagens, explorando distintos olhares. É nisso que se constitui, em nossa interpretação, o ensino de filosofia como um problema filosófico. Acreditamos que esse dossiê reflete as singularidades possíveis com que se pode enfrentar filosoficamente o problema do ensino de filosofia, já que encontramos nas páginas desta revista a riqueza de diversidade conceitual com que podemos refletir sobre o ensino de filosofia, como um quebra-cabeça que cada autor monta em sua reflexão sobre o ensino de filosofia. Trata-se, de fato, de um dossiê que irá contribuir de forma significativa para todos aqueles que têm no ensino de filosofia sua preocupação teórica.

É necessário, enfim, uma nota de agradecimento e reconhecimento pelo trabalho dos professores José Benedito de Almeida Júnior e Humberto Guido, sem os quais esse dossiê não seria possível, e à Diretoria da Revista Educação e Filosofia que desde o início deste projeto sempre atuou de forma positiva e incentivadora, tornando possível a materialização deste dossiê. Aos professores e aos membros da Diretoria da Revista Educação e Filosofia nosso fraternal agradecimento.

O artigo *Condição humana e educação em Hannah Arendt*, de Odílio Alves Aguiar abre o dossiê fazendo uma discussão da relação entre condição humana e educação, tomando a obra de Arendt como propositura recuperadora de uma visão clássica de educação em oposição visceral da educação moderna, notadamente especializadora e adestradora da condição humana. O tema da educação em Hannah Arendt é apresentada a partir do conceito de natalidade presente na obra *Entre o passado e o futuro*. É o argumento de Hannah Arendt de que a educação se faz necessária

porque pessoas nascem e precisam de educação, que Odílio Aguiar remete suas reflexões sobre educação e condição humana.

No artigo de Alejandro Cerletti, *Enseñanza filosófica: notas para la construcción de un campo problemático*, o texto procede a uma reflexão sobre o ensino de filosofia como um campo problemático em aberto, ou seja, há a necessidade de se construir propostas para o ensino de filosofia. Dessa forma, os aspectos didáticos e pedagógicos se constituem no problema central desse artigo. O autor começa sua reflexão sobre o ensino de filosofia, valendo-se da pergunta “o que é filosofia?” A definição desse campo conceitual é fundante e fundamental para a construção de propostas para o ensino de filosofia. Emerge dessa reflexão a tese defendida pelo autor de que ensinar filosofia está implicitamente ligado ao ato de filosofar, ou que o ensino de filosofia deve ser filosófico. A partir da tese de Badiou de que o ensino de filosofia consiste numa “repetição criativa”, o autor remete este conceito para sua defesa da tese de que o ensino de filosofia deve ser filosófico. Nesse sentido, a tese da filosofia como repetição criativa permite ao ensino de filosofia um resgate de sua historicidade – já que a filosofia é sua história – sem, contudo, isentar o professor de filosofia de proceder a atividade filosófica como uma experiência constante de criação filosófica, conjugando um pólo objetivo – repetição – e um pólo subjetivo – criação. Por fim, a exposição do autor termina com uma reflexão bastante interessante sobre o problema metodológico do ensino de filosofia.

O artigo de Sílvio Gallo intitulado *Filosofia e o exercício do pensamento conceitual na educação básica*, propõe uma reflexão da emergência da filosofia na educação básica e da efetivação de seu papel de produção de pensamento singular. O objetivo do artigo é apresentar o ensino de filosofia como mecanismo de promoção de experiências educativas singulares, para além de toda transmissão pacífica de conceitos filosóficos, naquilo que o autor, no uso de Deleuze, classifica de reconhecimento. Nesse caso, a educação básica, fundada na construção de métodos eficazes de ensino/aprendizagem, resume-se num processo de visitação e assimilação dos conceitos historicamente produzidos. Em oposição a isso, o

autor propõe, a partir do referencial teórico de Deleuze e Guatarri, o ensino de filosofia como “oficina conceitual” a partir de experiências singulares de aprendizado. Na primeira e na segunda parte do artigo, apresenta-se a idéia de que há ao menos três registros para o pensamento: imagético ou figurativo; lógico e conceitual, cada qual com suas características próprias, relacionando-os com a idéia de Pierre Lévy de três pólos do espírito, cada qual com suas ferramentas de pensamento específicas (oralidade; escrita; informática). Na terceira parte do artigo, o autor apresenta a tese kantiana de que a filosofia é produção conceitual, porém, neste autor, o conceito é universal, enquanto a intuição é singular. Contrapondo-se a Kant, o autor apresenta a tese deleuziana de que a filosofia é produção conceitual, e que este conceito é produto de uma experiência singular motivado por um problema. Assim, filosofia é o enfrentamento singular de problemas emergentes. O conceito, nesse caso, não serve para definir, classificar, mas para mobilizar forças. Por fim o autor apresenta, a partir da tese deleuziana da filosofia como exercício de pensamento e criação conceitual, o ensino de filosofia como transcendência da simples assimilação conceitual da história da filosofia, para uma experiência singular de criação conceitual. Nesse caso, muda o eixo educativo do ensino para a aprendizagem como forma de proporcionar aos estudantes de filosofia a experiência da criação conceitual.

O dossiê segue com o artigo de Desidério Murcho, *A natureza da filosofia e o seu ensino*, que faz uma reflexão bastante interessante sobre natureza especulativa da filosofia. Segundo o autor, a forma como o ensino de filosofia se apresenta no Brasil traz dificuldades para preservar a natureza aberta e especulativa da filosofia. A partir deste diagnóstico, o artigo apresenta uma forma de ensinar filosofia fazendo jus a sua natureza aberta.

No artigo de Gonzalo Palácios, coordenador do GT Filosofar e Ensinar a Filosofar da ANPOF, é discutido, a relação entre as perguntas autoritárias e sua influência na forma de concebermos o trabalho filosófico na academia brasileira. O artigo segue com uma reflexão sobre o entendimento por método e por monografias

de final de curso em Filosofia. Desidério e Gonzalo apontam como caminho para o ensino de filosofia o ousar a filosofar, com rigor, com método, com base na história da filosofia, mas ousar a filosofar nos dias de hoje na medida em que se está voltado para os temas que os alunos têm pela frente. O artigo de Odílio, ao resgatar H. Arendt, apresenta a natalidade como processo de educação e, acredito, que esta natalidade pode ser entendida pelo professor de filosofia como aquele ousar a filosofar, como se disse, com rigor, método e respeito à tradição (tema recorrente em Arendt), mas sem ficar preso à ela. A tradição pode ser inspiração e jamais o limite da educação e do filosofar.

No texto de Walter Kohan, intitulado *Sócrates, la filosofía y su enseñanza. Actualidad de una invención*, encontramos uma reflexão bastante interessante sobre a figura de Sócrates nos diálogos de Platão, especificamente quanto ao papel educativo de Sócrates. Uma vez demarcado o terreno pedagógico da atividade filosófica de Sócrates, o autor remete sua reflexão para a temática do ensino de filosofia, ou seja, quais as implicações para o ensino de filosofia dentro do contexto da figura filosófica de Sócrates. O autor começa o artigo discorrendo sobre a dubiedade da postura socrática de ignorância. Trata-se de uma ignorância que revela um saber – aludindo ao oráculo de Delfos que afirma ser Sócrates o mais sábio dos homens. Esta ignorância, este não-saber que é saber, seria, segundo o autor, o elemento do qual emerge a periculosidade da atividade socrática. Sócrates é perigoso, a tal ponto de ser condenado à morte, porque seu saber é distinto dos outros: é um saber advindo do não-saber. Essa premissa revela a atitude filosófica de Sócrates: ele não é um sábio, ele não é portador da filosofia, mas da ignorância, algo paradoxalmente distante da filosofia. Nesse liame revela-se, segundo o autor, elementos interessantes para pensarmos o ensino de filosofia. Nesse caso, o professor de filosofia, paradoxalmente, não sabe filosofia. Corrompe-se, assim, a relação pedagógica natural: o professor que sabe filosofia ensinando filosofia, para o aluno que não sabe sobre a filosofia que se quer ensinar. Mais do que ensino e aprendizagem, o que Sócrates nos ensina é que a filosofia é muito mais uma atividade do que um saber; é muito mais um modo de vida.